



# Medievalis

v. 13, n. 2 (2024)

## “A barbárie”: um estudo do olhar sobre o outro no mundo antigo, medieval e contemporâneo

| 1

Márcia Haydée Andrade Gutierrez<sup>1</sup>

**Resumo:** O conceito de Bárbaro surge ainda no império romano que definia povos e culturas diferentes como inferiores ao estado de civilização atingida pelos romanos, cuja certas características eram elencadas para definir tais diferenças de comportamento, até hábitos alimentares. Este processo perdurou no contexto medieval e se acentuou no discurso de religiosos durante incursões Vikings em territórios cristãos europeus. O presente artigo visa analisar como o processo de Barbárie foi redesenhado para classificar os nórdicos da Era Viking e como esta visão continua a influenciar o processo de escrita de materiais de leitura informativos sobre os mesmos. A fim de identificar a problemática da questão e alertar sobre para os cuidados que se deve ter aos estereótipos criados a partir de uma visão do “outro” pelo ponto de vista externo aquela sociedade.

**Palavras-chave:** Bárbaros; Vikings; Idade Média; Estereótipo; Europa.

**Abstract:** The concept of Barbarian still appears in the Roman empire, which defined different peoples and cultures as inferior to the state of civilization reached by the Romans, whose certain characteristics were listed to define such differences in behavior, even eating habits. This process lasted in the medieval context and was accentuated in the discourse of religious during Viking incursions into European Christian territories. This article aims to analyze how the Barbarism process was redesigned to classify the Norse of the Viking Age and how this view continues to influence the process of writing informative reading materials about them. In order to identify the problem of the issue and warn about the care that should be taken to stereotypes created from a view of the "other" from the external point of view that society.

**Keywords:** Barbarians; Vikings; Middle Ages; Stereotype; Europe.

<sup>1</sup> Mestra em Comunicação, Linguagens e Cultura (UNAMA-Universidade da Amazônia), dedica-se ao estudo e pesquisa nas áreas de Escandinavística, Música e Ilustração.

Email: [marcia515.mh@gmail.com](mailto:marcia515.mh@gmail.com)

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5895526508124611>.





## 1. Romanum Imperium et barbarorum (Império Romano e os Bárbaros)

A palavra "bárbaro" vem da palavra grega "barbaros". Os romanos muitas vezes falavam mal dos gregos e os desprezavam, mas não os consideravam bárbaros. Os romanos muitas vezes se aliaram a várias tribos bárbaras. Eles usariam uma tribo bárbara para ajudá-los a lutar contra outra. Muitos bárbaros se tornaram parte do Império Romano. Roma absorveu muitos aspectos das diferentes culturas bárbaras que conquistaram. Homens bárbaros costumavam servir como soldados no exército romano (CRAWFORD, 2021).

Os romanos lutaram contra os bárbaros nas fronteiras do Império Romano por muitos anos. Em alguns casos, os bárbaros tornaram-se parte do Império Romano. Em outros casos, eles travaram guerras e, eventualmente, saquearam a cidade de Roma, provocando o fim do Império Romano do Ocidente (MATHISEN, 2013, pág. 192).

Os romanos se referiam a grupos de pessoas fora do Império Romano como bárbaros. Os bárbaros tinham culturas diferentes dos romanos. Eles se vestiam de maneira diferente, comiam alimentos diferentes e tinham religiões diferentes. Eles não tinham o mesmo nível de governo, educação ou engenharia que os romanos.

Os bárbaros não eram apenas um grupo de pessoas. O termo "bárbaro" foi usado para descrever uma grande variedade de povos diferentes que tinham pouco a ver uns com os outros. Muitos dos grupos que atacaram e invadiram o Império Romano eram tribos germânicas do norte da Europa (HOLCOMB, 2002).

Godos - Um dos grupos de bárbaros mais poderosos e organizados eram os godos. Os godos foram divididos em dois ramos principais: os visigodos e os ostrogodos. Os visigodos dominaram grande parte da Europa Ocidental e lutaram contra Roma constantemente no final dos anos 300. Sob seu líder Alarico I, os visigodos saquearam Roma em 410. Vândalos - Os vândalos migraram do norte da Europa para a Península Ibérica (Espanha) e, eventualmente, para o norte da África, onde estabeleceram um poderoso reino. Eles estabeleceram um tratado de paz com Roma em 442 dC, mas atacaram Roma em 455 quando o tratado foi quebrado. Sob o rei vândalo Genseric, os vândalos saquearam Roma em 455 dC e saquearam a cidade por duas semanas.

Hunos - Os hunos eram um povo guerreiro nômade que veio do leste. Sob a liderança de seu líder Átila, os hunos derrotaram os ostrogodos e invadiram o Império Romano do Oriente. Eles então se mudaram para conquistar grande parte da Gália Romana (França). Em 452, os hunos invadiram a Itália. Eles saquearam grande parte da Itália, mas não tomaram a cidade de Roma. Francos - Os Francos foram uma série de





tribos germânicas que se estabeleceram na região que hoje é o país da França (a França recebe o nome dos Francos). Eles começaram a invadir as fronteiras do Império Romano por volta de 300 dC. Os francos realmente se tornaram poderosos após a queda do Império Romano do Ocidente e acabariam se tornando um dos principais impérios da Europa Ocidental. Saxões - À medida que Roma começou a enfraquecer, os saxões saíram da Europa Ocidental e começaram a invadir a Grã-Bretanha. Eles assumiram muitos assentamentos romanos na Grã-Bretanha, pois o imperador estava fraco demais para enviar os romanos na Grã-Bretanha como ajudante. Outros - Havia muitos outros povos que os romanos chamavam de bárbaros, incluindo os celtas, trácios, partos, pictos, lombardos e borgonheses (LAMBERT, 2022).

Os rios Reno e Danúbio definiram as fronteiras do império romano na Europa continental, separando os cidadãos de Roma dos muitos povos que habitavam a Germânia, o termo romano para a área que se estendia ao norte até a Escandinávia e ao leste até o rio Vístula. O império nunca se isolou dos povos germânicos que eles chamavam de bárbaros, recrutando-os como soldados para o exército romano e desenvolvendo laços comerciais e diplomáticos com seus líderes (HOLCOMB, 2002).

Desde a época de Júlio César, os bárbaros foram mobilizados para proteger as fronteiras romanas. A crescente força e alcance das forças armadas nos últimos séculos do império exigiram a incorporação de um número cada vez maior de unidades bárbaras - conhecidas como federados - no exército. No século IV, cerca de 75.000 soldados estavam estacionados na província romana da Gália (atual França), a maioria deles germânicos. Muitos desses bárbaros retornariam com o tempo à sua terra natal, enquanto outros permaneceriam com suas famílias em territórios romanos, alguns chegando aos mais altos escalões militares. Os ritos funerários germânicos, distintos das práticas romanas, incluíam armas e equipamentos militares; assim, os bens funerários das sepulturas germânicas, tanto dentro como fora das fronteiras do império, oferecem uma rica evocação do dinheiro, presentes e insígnias militares muitas vezes elaboradamente decoradas que tal serviço foi concedido aos soldados. Eles também dão uma ideia dos trajes característicos das mulheres bárbaras (HOLCOMB, 2002).

O império desenvolveu laços diplomáticos com os governantes germânicos que ocupavam terras logo além das fronteiras em um esforço para se proteger de bárbaros hostis ainda mais distantes. Promessas de cidadania romana e apoio militar e econômico encorajaram os líderes bárbaros a ajudar seu vizinho rico, principalmente fornecendo tropas. Tais arranjos permitiram que bárbaros de alto status acumulassem grande riqueza, na forma de presentes diretos de joias do império e pagamentos em moedas de ouro. Estes,





por sua vez, poderiam ser usados para encomendar objetos de luxo de adorno pessoal de artistas locais.

Figura 1: A batalha de Orleans, 463 d.c.



Fonte:

<https://militaryhistorynow.com/2018/10/28/going-out-with-a-bang-the-last-battles-of-the-roman-army/>.

Acesso: 07/08/2022

## 2. A barbárie no contexto medieval

Em várias ocasiões, o homem civilizado se viu marchando lado a lado com homens em níveis mais baixos (ou diferentes) de desenvolvimento social e cultural. As grandes civilizações estavam acostumadas a comparar-se muito favoravelmente com esses vizinhos bárbaros, a quem viam com graus variados de condescendência, suspeita, desprezo e pavor. O homem civilizado, com suas instituições urbanas, seu modo de vida agrário, sua sofisticação tecnológica e econômica e sua notável arte literária e plástica, concebia-se como superior a esses outros povos com os quais às vezes competia pelo domínio das partes mais ricas do mundo.

A maioria de nossas fontes primárias não nórdicas sobre os vikings foram escritas por clérigos e continham uma perspectiva religiosa dos eventos. Enquanto os nórdicos acreditavam que o destino governava todas as coisas, os cristãos medievais acreditavam que Deus governava todas as coisas. Portanto, foi um tremendo golpe quando os vikings aparentemente invencíveis profanaram igrejas impunemente. Muitas pessoas concluíram que Deus estava usando os vikings para punir a cristandade por algum pecado ainda não identificado (JONES, 1971, pág. 376- 407).





No sentido militar e material, porém, essa perspectiva não trouxe benefícios imediatos. Cada vitória viking minava a confiança. Em vez de tentar aprender com os erros estratégicos e melhorar a luta contra os ferozes nortistas, alguns líderes cristãos concluíram que precisavam orar e suplicar mais – e depois ficaram cada vez mais deprimidos quando perderam a próxima batalha de qualquer maneira. Assim, os vikings alcançaram uma forte vantagem psicológica sobre os exércitos que estavam lutando, e não foi até que os cristãos começaram a acumular algumas vitórias (quase uma geração depois) que eles puderam limpar a cabeça e começar a resolver seu problema viking (JONES, 1971, pág. 376- 407)..

Na Idade Média, a religião tornou-se um marcador muito mais significativo de pertencimento, e o mundo foi dividido entre os cristãos e os outros. A maior parte da Europa tornou-se cristianizada, e instituições e culturas um tanto semelhantes desenvolveram-se lado a lado. Não havia realmente mais “bárbaros” lá.

"Nunca antes apareceu tanto terror na Grã-Bretanha como agora sofremos de uma raça pagã", escreveu Alcuin de York na época. "Os pagãos derramaram o sangue dos santos ao redor do altar e pisaram os corpos dos santos no templo de Deus, como esterco nas ruas." (JONES, 1971, pág. 376- 407).

Se você ler os relatos dos escritores cristãos contemporâneos, terá a impressão de que os reis pagãos nórdicos eram bárbaros brutais comparáveis a animais selvagens que perseguiram violentamente os cristãos. No entanto, alguns desses cristãos que escrevem esses relatos também são os mesmos que mencionam que os ditos reis pagãos permitiram que eles viajassem livremente por suas terras e pregassem a fé cristã, além de terem permissão para estabelecer igrejas em cidades e vilas escandinavas.

A conclusão deve então ser que a ideia de que os pagãos nórdicos eram religiosamente intolerantes com os cristãos é um produto da propaganda cristã contra os pagãos. Geralmente os relatos cristãos desse período tentaram apresentar qualquer tipo de paganismo como algo vil e bárbaro, então não podemos confiar nessas fontes, pois elas buscavam difamar os pagãos em todas as oportunidades para fazê-lo. Isso não é feito apenas em questões diretamente ligadas à religião, mas também em aspectos como os papéis de gênero “bárbaros” dos nórdicos que permitiam às mulheres maior liberdade do que em outros lugares da Europa da época, bem como os hábitos de higiene dos nórdicos que eram considerados “vain” pelos ingleses (tomavam banho uma vez por semana) (SONS OF VIKINGS, 2019).

Pelo que podemos dizer, os nórdicos eram bastante tolerantes religiosamente. Muitas vezes é ignorado que já desde o início da era viking alguns nórdicos eram cristãos.





Já nos anos 800, um missionário alemão chamado Ansgar viajou pela Escandinávia e, embora não tenha tido muito sucesso, conseguiu converter alguns nórdicos e ao longo do caminho estabeleceu igrejas em Hedeby e Ribe na Dinamarca e em Birka na Suécia (CASTELLA, 2014).

A transição do paganismo para o cristianismo foi lenta e durou muitos séculos, mas os cristãos foram tolerados durante todo o período e, na parte posterior da era viking, do final dos anos 900 e até os anos 1000, era comum ver símbolos cristãos e pagãos misturados. (Por exemplo, em sepulturas onde era comum ser enterrado com um martelo de Thor e uma cruz cristã) (CASTELLA, 2014).

Da mesma forma, após a adoção “oficial” do cristianismo na Escandinávia (o primeiro lugar foi a Dinamarca em 965 e o último a Suécia por volta de 1100), a igreja foi bastante tolerante com costumes e crenças de origem pagã, desde que não fosse diretamente contra qualquer ensinamento da igreja, acho que pragmatismo é uma boa palavra para descrever a situação religiosa na Escandinávia da era Viking (ELLIS, 2019).

Figura 2: Lindisfarne Stone também conhecida como: Viking Raider Stone.



Fonte: <https://www.getdailyart.com/22298/lindisfarne-stone-also-known-as:-viking-raider-stone>.

Acesso: 07/08/2022

### **3. A problemática da designação de Bárbaro para os vikings no mundo contemporâneo:**

No século 19, os historiadores ressuscitaram a ideia do “bárbaro” germânico e do viking. Estes tornaram-se muito exóticos agora, e a cultura popular foi inundada com interpretações modernas desses brutos fascinantes (PERABO, 2021).





Os vikings são frequentemente vistos como saqueadores pagãos que atacam impiedosamente as igrejas cristãs e matam monges indefesos. Mas isso é apenas parte da história deles. Os vikings também desempenharam um papel fundamental na disseminação do cristianismo. A mitologia nórdica há muito capturou a imaginação popular e muitos hoje ouviram histórias sobre os deuses pagãos, particularmente Odin, Thor e Loki, recentemente reimaginados nos quadrinhos e filmes da Marvel. Alguns até seguem versões reconstruídas dessas crenças, conhecidas como Ásatrú (a religião dos Aesir).

Mais de 12 séculos depois, os vikings são o tema de uma grande exposição no Museu Britânico e eles ainda pairam na imaginação. Homens loiros de constituição forte com capacetes com chifres, narinas dilatadas com a agressão nua, descendo em assentamentos para estuprar e pilhar. Essa é pelo menos a percepção. Mas visões de longa data estão sendo desafiadas (ELLIS, 2019).

Vamos começar pelos capacetes, tão queridos pelos fãs de futebol escandinavos. Os vikings nunca os usaram. Eles só foram incluídos em representações desde o século 19. Wagner celebrou a lenda nórdica em sua ópera *Die Walkure* (A Valquíria) e capacetes com chifres foram criados como adereços para a apresentação de seu *Ciclo do Anel* no primeiro Festival de Bayreuth em 1876 (CASTELLA, 2014).

O capacete com chifres é baseado em fatos históricos, diz Emma Boast, do Jorvik Center, mas simplesmente não era uma coisa Viking. O Museu Britânico tem um capacete com chifres cerimonial da Idade do Ferro que foi encontrado no rio Tâmsa. É datado de 150-50 aC.

Os vikings usavam chifres nos banquetes para beber e sopravam neles para se comunicar. Eles foram retratados em broches e pingentes vikings. Eles não estavam desgastados. E para a batalha teria sido um grande estorvo, adicionando peso ao capacete.

Em uma viagem a Dublin em 2007, o ministro da cultura dinamarquês Brian Mikkelsen teria pedido desculpas ao povo irlandês pelo que os vikings haviam feito. Um pedido de desculpas 1.000 anos depois teria sido absurdo. Mas outros questionam o segundo ponto de Mikkelsen que seu comportamento era a norma. Em seguida um discurso estereotipado do professor Simon Keynes tentando concertar a opinião de Mikkelsen reflete o pensamento da herança de colocar os vikings como seres terríveis além de erros grotescos historicamente (CASTELA, 2014).

A correção para vikings "fofos" foi longe demais, diz o professor Simon Keynes, historiador anglo-saxão da Universidade de Cambridge:





"Não há dúvida de quão desagradáveis, desagradáveis e brutais eles eram. Eles fizeram tudo o que os vikings tinham uma fama de terem feito."

Roubaram tudo o que podia. Como saques eram ativos de tesouros para saquear. Eles levaram gado, dinheiro e comida. É provável que eles também levaram mulheres, diz ele. "Eles incendiariam assentamentos e deixariam um rastro de destruição." Foi uma oferta não originada. E, ao contrário da maioria dos conjuntos, eles foram realizados por mar, com seus dracares de fundo e reservados para permitir-lhes viajá-los de surpresa. Foi uma blitzkrieg marítima no início.

Pior foi a natureza repetida dos ataques. Os vikings, como voltavam repetidamente às mesmas casas, recusavam-se a deixar os lugares em paz.

O maior corpo de fontes escritas sobre os vikings nos séculos IX e X está em árabe, aponta James Montgomery, professor de árabe na Universidade de Cambridge. Os vikings chegaram ao Mar Cáspio e entraram em contato com o império Khazar. Eles podem até ter chegado a Bagdá, se acreditarmos em uma fonte de meados do século IX. Acredita-se que os vikings conhecidos como "Rus" tenham contribuído para a formação do principado de Kiev, que se transformou na Rússia, diz Montgomery. Isso levou alguns a pintar os vikings como comerciantes globais mais do que guerreiros. E ainda - com suas sagas islandesas - como inventores da novela. O revisionismo é natural. Os acadêmicos estão sempre procurando um novo ângulo. E as pessoas mudam de ideia à medida que os costumes sociais evoluem (CASTELLA, 2014).

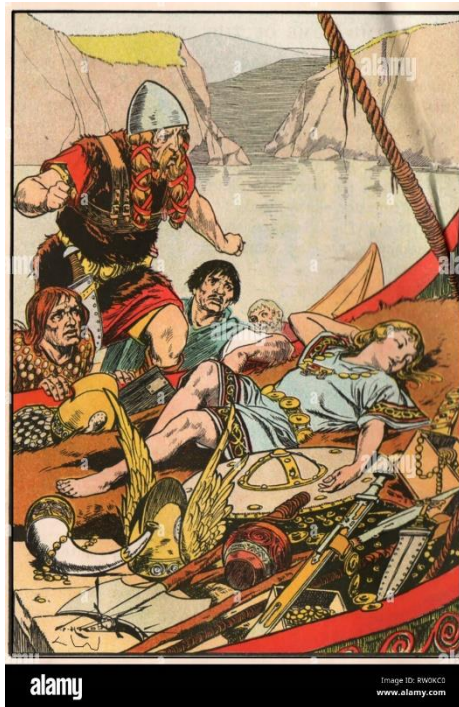
Durante o período Viking de 300 anos, muitos permaneceram. A atitude deles para com a população local era mais complicada do que apenas a de bandidos invasores. "Eles não os eliminam. Então, como esses dois grupos vivem juntos?"

Torna-se uma história não apenas sobre conquista, mas sobre imigração e assimilação. Muitos dos vikings abraçaram o cristianismo. Houve casamentos mistos. O rei Cnut, que se tornou rei da Inglaterra e governou por 25 anos, substituiu os que estavam no topo, mas permitiu que a sociedade continuasse como antes. Ao mesmo tempo, eles mantiveram nomes e tradições nórdicas.





Figura 3: Uma ilustração colorida 'romântica' de 1910 de invasores vikings na Grã-Bretanha envolvidos em estupro e pilhagem.



Fonte:

<https://www.alamy.com/a-romantic-1910-colour-illustration-of-viking-invaders-of-britain-involved-in-rape-pillage-image239116416.html>. Acesso: 07/08/2022

#### 4. Conclusão

A longa caminhada do sentido de Bárbaro a povos que não se encaixavam nas perspectivas de determinadas civilizações perdura até os dias de hoje, a concepção que se criou desde o império romano, passando pelo mundo medieval, foi reaproveitada como verdade em muitos discursos acadêmicos e de obras de ficção.

A idade média adentrou com a concepção cristã para lançar um olhar sobre o desconhecido continuando a manutenção de certos aspectos advindo dos romanos. A barbárie entrou em um processo de complexidade em sua definição apesar de ser negativa a certos povos não impediu uma rede de relações que vão desde o comércio até serviços militares. Enquanto Roma buscou os costumes e a nacionalidade para elencar estas diferenças, o mundo medieval utilizou do critério religioso para definir os diferentes, e o mundo contemporâneo absorveu ambas as perspectivas.

Se faz necessário compreender historicamente como a Barbárie participou dos principais momentos da história global, sobretudo na importância de desmistificar e problematizar pensamentos que ajudam a manutenção destes estereótipos, e que muitas





das vezes não se baseiam em pesquisas acadêmicas mas sim de um senso comum criado a partir da figura de certos povos.

### Referências Bibliográficas:

#### *Fontes secundárias:*

MATHISEN, Ralph. “**Becoming Roman, Becoming Barbarian**”: Roman Citizenship and the Assimilation of Barbarians into the Late Roman World. 2013, pág. 192.

JONES, W.R. **The Image of the Barbarian in Medieval Europe**. In: Comparative Studies in Society and History , Cambridge University Press, Vol. 13 , Issue 4 , 1971, pág. 376- 407.

#### *Fontes online:*

CRAWFORD, Jack. Barbarian Invasion: The Beginning of the End for Rome? **The collector**. 13, de abril de 2021. Disponível em: <<https://www.thecollector.com/barbarians-crossing-the-rhine-the-end-of-rome/>> Acesso em 07 de ago. de 2022.

CASTELLA, Tom de. Were the Vikings really so bloodthirsty? **BBC News Magazine**. 05 de Março de 2014. Disponível em: < <https://www.bbc.com/news/magazine-26431858>> Acesso em: 07 de ago. de 2022.

ELLIS, Caitlin. Vikings didn't just murder monks and pillage monasteries – they helped spread Christianity too. **The conversation**. 23 de Dezembro de 2019. Disponível em: < <https://theconversation.com/vikings-didnt-just-murder-monks-and-pillage-monasteries-they-helped-spread-christianity-too-128910>> Acesso em: 07 de ago. de 2022.

HOLCOMB, Melanie. Barbarians and Romans. **The Metropolitan Museum of Art**. Outubro de 2002. Disponível em: < [https://www.metmuseum.org/toah/hd/barb/hd\\_barb.htm](https://www.metmuseum.org/toah/hd/barb/hd_barb.htm)> Acesso em: 07 de ago. de 2022.

LAMBERT, Tim. A History of the Barbarians. **Local Histories**. 14 de Março de 2021. Disponível em: < <https://localhistories.org/a-history-of-the-barbarians/>> Acesso em: 07 de ago. de 2022.

PERABO, Lyonel. What are the differences between Vikings and Barbarians? **Quora**. 2021. Disponível em: <<https://www.quora.com/What-are-the-differences-between-Vikings-and-Barbarians>> Acesso em : 07 de ago. de 2022.

SONS OF VIKINGS, Vikings and Christianity. **Viking History**. 26 de Março de 2019. Disponível em: < <https://sonsofvikings.com/blogs/history/the-vikings-and->





[christianity#:~:text=Christian%20Views%20of%20Viking%20Invasions,that%20God%20governed%20all%20things>](#) Acesso em: 07 de ago. de 2022.

